

Entrevista

Marcelo Neri

“Reduzimos a pobreza e ajudamos a manter a economia girando. O desafio agora é que as pessoas sejam mais protagonistas de suas vidas”

Najla Passos – de Brasília

Foto: João Viana/Ipea



A visão privilegiada da Esplanada dos Ministérios impressiona quem frequenta o gabinete da presidência do **Ipea**, no 15º andar do edifício-sede, em Brasília. Não foi diferente com Marcelo Neri, que assumiu o comando do órgão em setembro. Para ele, entretanto, mais do que um deleite visual, o cenário que a janela descortina é a metáfora perfeita sobre a verdadeira missão do **Ipea**: ajudar o país no desenho, na avaliação e nos debates sobre políticas públicas. Com as diretorias já definidas e a transição caminhando para o fim, Neri mira como uma das suas metas principais as comemorações dos 50 anos do órgão, em 2014. É justamente o ano que o país dará uma mais uma virada importante, segundo o economista: a da superação da miséria no seu sentido mais amplo. Superação que em tudo está relacionada com os avanços que ele, como pesquisador, vem registrando nos últimos anos: a redução da pobreza, a queda na desigualdade de renda, a emergência de uma nova classe média. Enfim, a melhoria dos indicadores sociais do país. Com a palavra, Marcelo Neri.

Desenvolvimento - Antes de assumir o Centro de Políticas Sociais da FGV, há 12 anos, o Sr. foi técnico de planejamento e pesquisa do **Ipea**. Nesse retorno, que diferenças encontrou?

Marcelo Neri - O **Ipea** cresceu muito neste período e as atividades se multiplicaram. Isso tem um benefício, porque você ganha nas frentes, mas também perde um pouco o foco. O desafio, então, é fazer bem aquilo que você faz. E é isso que estamos tentando, ao juntar os dois lados do **Ipea**, que é, ao mesmo tempo, uma usina de ideias e uma plataforma de políticas públicas.

Desenvolvimento - Que mudanças o Sr. já fez no **Ipea**? Qual a pauta agora?

Marcelo Neri - Aqui no **Ipea**, temos heterodoxos, liberais e uma riqueza de visões de mundo. Temos de transformar isso em virtude. Essas diferenças e essa diversidade dentro de cada diretoria têm o objetivo, sempre, de contribuir para as políticas públicas do país.

Desenvolvimento - O Sr. aponta a formação de uma nova classe média no país, nos últimos anos. Quem seria essa nova classe média brasileira?

Marcelo Neri - É um assunto polêmico. A classe média que a gente descreve nos estudos e nos livros não é uma classe média americana ou uma classe média europeia, que muitas vezes habita o imaginário. É uma classe média brasileira e uma classe média mundial, no sentido que, se você olhar a distribuição de renda brasileira, percebe que o Brasil é uma espécie de maquete do mundo. A desigualdade brasileira, que já é muito grande, é um pouco menor do que a mundial. Então, nós dividimos a sociedade em três pedaços que fossem os mais homogêneos dentro de si e os mais heterogêneos entre si. E, fazendo isso, deu esse grupo, que era 37%, em 2003, e, hoje, já passou dos 50% da população.

Perfil

Marcelo Côrtes Neri é um economista que lida com temas variados. “Minha especialização é mais metodológica do que temática”, explica. Mas seu foco é produzir conhecimento sobre a vida da população brasileira, em temas como distribuição de renda, pobreza e estratificação social, dentre outros. “Assuntos vivos, contemporâneos”, como ele mesmo esclarece.

Neri cursou graduação e mestrado na PUC-RJ. Foi professor da Universidade Federal Fluminense e técnico de planejamento e pesquisa do **Ipea**. Fez doutorado na Universidade de Princeton (EUA). Na volta ao Brasil, foi convidado a criar e dirigir o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Rio, onde atuou nos últimos 12 anos. “A academia costuma ser muito elitista, mas sempre tivemos a preocupação de falar com o João da Silva”, ressalta. Desde setembro, Marcelo Neri é presidente do **Ipea**. Nesta entrevista, ele fala de sua visão de alguns dos problemas sociais brasileiros e de seus planos para a instituição.

Desenvolvimento - E é realmente possível que mais 12 milhões de brasileiros ingressem nesta classe média até 2014?

Marcelo Neri - É a nossa projeção. Serão 12 milhões de pessoas a ingressar na classe média, fora os 7,7 milhões que subirão para a classe AB que, na verdade, é a que mais está crescendo agora. Logo, nós falaremos de uma nova classe AB como, nos últimos anos, falamos da C.

Desenvolvimento - Até que ponto essa ascensão é sustentável?

Marcelo Neri - A principal protagonista é a renda do trabalho, que resulta da redução do desemprego e do aumento do salário. Principalmente do emprego com carteira, que é o símbolo dessa nova classe média. O nosso estudo se chama “A nova classe média, o lado brilhante dos pobres”. E por que “o lado brilhante dos pobres”? Porque um fato surpreendente é que esta nova classe média é mais sustentável do que acreditávamos: boa parte do crescimento da renda do brasileiro se deu por renda do trabalho, ou seja, três quartos da renda e 58% da queda da desigualdade.

Desenvolvimento - E quanto à desigualdade, quais as projeções?

Marcelo Neri - Há muitos anos, o Brasil foi apelidado de Belíndia, que comporta uma pequena e rica Bélgica e grande e pobre Índia. A citação continua atual, não só porque a desigualdade continua, mas porque o lado indiano do Brasil está crescendo muito mais do que o belga. Por exemplo, os 10% mais pobres melhoraram de vida 550% mais rápido do que os 10% mais ricos, durante uma década inteira. E

este processo continua. Por outro lado, o abismo entre pobres e ricos está caindo. Se você pegar o estado mais pobre do país há oito anos, que era o Maranhão, verá que ele cresceu 46%. Já a renda de São Paulo, o mais rico pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), cresceu 7,2%. A renda no Nordeste cresceu 42%. No Sudeste, 16%. Na área rural, 49%. O Brasil que prospera é o Brasil que tinha ficado para trás. É o Brasil do campo, do negro, da periferia. Isso foi de alguma forma até captado por algumas novelas, como *Avenida Brasil* e *Cheia de Charme* quando falam das “empreguetes”.

Foto: João Viana/Ipea



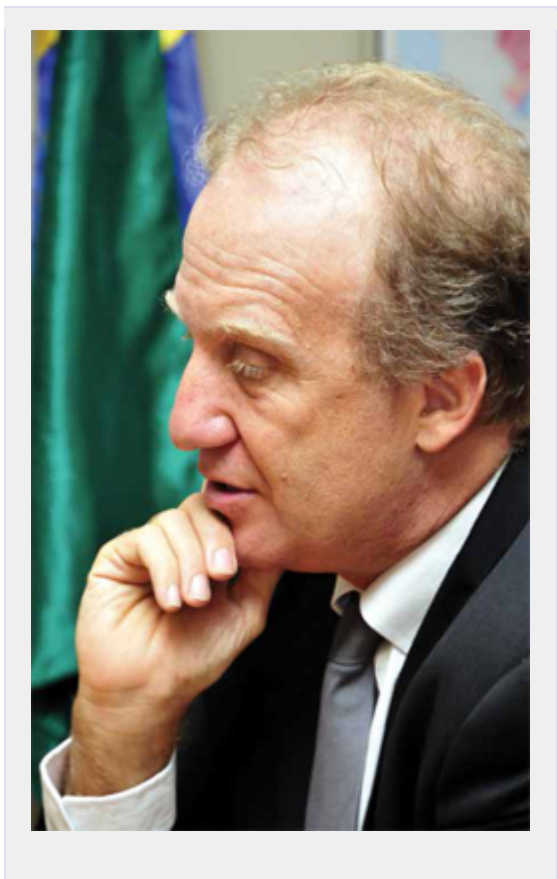
Desenvolvimento - A vida dos brasileiros que vivem no campo também está melhorando?

Marcelo Neri - Sim, mas, neste caso, mais por conta do efeito das transferências. Por exemplo, na década de 1980, 81% da renda de quem morava do campo vinha do trabalho. Hoje, são 66%. Então, no campo, é importante buscar maior sustentabilidade desse crescimento.

Desenvolvimento - Falta reforma agrária?

Marcelo Neri- Eu não fiz um estudo aprofundado sobre isso. É um tema delicado, complexo, que eu prefiro não entrar muito. Mas a renda do trabalho no campo não cresceu tanto. A renda dos programas sociais desempenha um papel mais importante.

Foto: João Viana/Ipea



Desenvolvimento - Nesse quadro, é possível pensar na erradicação da miséria no Brasil, em curto prazo?

Marcelo Neri - É um quadro bem difícil. Eu diria que a superação da extrema pobreza, no sentido exato do termo, é mais um norte a ser seguido. É uma meta válida, importante, mas é uma espécie de “Santo Graal”, que você nunca vai alcançar. Entretanto, é uma busca nobre, que enriquece a sociedade.

Desenvolvimento - Qual o papel da educação para alavancar este modelo de desenvolvimento em curso no país?

Marcelo Neri - A educação tem papel central, é a mãe de todas as políticas públicas. No Brasil, o que acontece com a educação é um pouco o que acontece com a desigualdade, com a informalidade e com uma série de problemas. A fotografia ainda é muito ruim, porém menos ruim do que era há dez ou 15 anos. O Brasil é um dos países que faz o *Programme for International Student Assessment* (PISA), uma avaliação de proficiência sobre o desempenho dos alunos aplicada em 67 países, a maioria desenvolvidos. Está em 54º lugar, mas é um dos três onde a proficiência está crescendo mais. O nível é baixo, mas o progresso é forte. Outro dado importante é que o brasileiro está dando mais importância à educação. Era a sétima prioridade e, agora, já é a segunda. Em 1970, cada mulher brasileira tinha 5,7 filhos. Hoje, tem 1,9. E por uma escolha, não por políticas artificiais como na China. E essas crianças passaram a ir para a escola. Em 1990, 16% das crianças estavam fora da escola. Hoje, menos de 2%. Você pode até dizer que o Brasil virou um país normal. É verdade, mas isso é uma revolução em si. Não é que a gente foi para o céu, mas a gente estava no inferno. De certa forma, as estatísticas sociais estão para o Brasil como as estatísticas econômicas estão para a China. O Brasil ainda tem indicadores sociais muito fracos, mas com uma taxa de progresso bastante expressiva.

envolvimento - Então, o Sr. avalia que o modelo de desenvolvimento brasileiro está funcionando. E ele ca, de fato, o país em uma posição confortável para enfrentar a crise econômica mundial?

rcelo Neri - Este modelo se mostrou bom, e até está sendo copiado. Eu tive a oportunidade, nos últimos anos, de ir a todas as reuniões dos Brics (grupo de países emergentes que inclui Brasil, Rússia, Índia, na e África do Sul) e conversar com os chineses. Eles querem entender o que está acontecendo no Brasil, no cresce este mercado interno, que é fruto da redução da desigualdade. Tem um paradoxo no Brasil que seguinte: este será um ano complicado para a economia por causa do PIB. As previsões do Banco Central ntam que o produto vai crescer 1,6% e o PIB *per capita*, 0,6%. Agora, uma pesquisa que lançamos sobre da inclusiva mostra que a renda do trabalho *per capita* está crescendo a 4,6% ao ano. Então, a vida das soas está melhorando mais do que o PIB reflete. Na época do regime militar, se dizia que, se o país vai n, o povo vai mal. Agora, o povo está indo melhor do que a economia, pelo menos do que o PIB, que é o principal indicador. O Brasil é muito mais o país que está fazendo uma revolução social do que um agre econômico, como no passado. E mais importante do que a riqueza das nações, é o brilho nos olhos brasileiro. Quanto à crise, o Brasil escolheu o caminho do meio, da moderação e da esperança. A gente peita os contratos, controla o déficit público, faz as metas de inflação, mas tem uma política social ativa. o é o Consenso de Washington, mas também não o que se faz na Venezuela. O caminho do meio tem cionado relativamente bem para as pessoas, e é a nossa escolha. E não estou nem dizendo, como nomista, que é a melhor escolha. Mas vivemos em uma democracia e esta é a escolha política que os ternos têm feito democraticamente, e o brasileiro, na sua vida, tem feito também.

envolvimento - O Brasil pode chegar a ostentar um crescimento igual ou superior aos da China ou da ia?

rcelo Neri - Eu acho que não. A quantidade de crescimento da China e da Índia é muito maior do que a isa. Mas a qualidade do crescimento brasileiro é melhor, na medida em que temos um crescimento mais itativo e que beneficia mais a população.

Foto: João Viana/Ipea



Desenvolvimento - As pesquisas apontam que o brasileiro é otimista por natureza, a ponto de esse otimismo prejudicar seus investimentos em poupança. Como se dá isso?

Marcelo Neri - Há uma pesquisa recente do **Ipea** que confirma este otimismo, muito similar a sondagens internacionais, feitas pelo Instituto Gallup, que a gente processou. Todas elas apontam que o Brasil é o país do mundo onde as pessoas dão a melhor nota sobre sua satisfação com sua vida no futuro. E isso ajuda a entender por que a taxa de poupança no Brasil é tão baixa (um quarto da taxa de poupança familiar dos chineses, por exemplo) e por que a taxa de juros aqui é tão alta (senão o sujeito antecipa o futuro de uma maneira irresponsável). Agora, o otimismo não é uma qualidade, mas um atributo do brasileiro. E há certa dissonância aí. Quando se pergunta para o brasileiro qual a nota para o conjunto do país nos cinco anos seguintes, é bem menor.

Desenvolvimento - Então, o brasileiro é otimista quanto à sua vida, mas nem tanto quanto ao futuro do país?

Marcelo Neri - Esses dados ajudam a entender o que se pode chamar de “jabuticabeira brasileira”: aqueles problemas que só têm no Brasil estão associados a essa dissonância de como a pessoa vê a vida dele e como ele vê o conjunto do país. Os grandes problemas brasileiros são problemas coletivos, problemas de relacionamento entre as pessoas, que estão ligados à ação coletiva, como era a inflação e ainda é a desigualdade. No caso da inflação, o pensamento era “eu reajusto meu preço, o outro reajusta o dele”. E todo mundo terminava com inflação alta. Mas conseguimos parar com isso. No da desigualdade, é algo do tipo “não me importo muito com o outro, se eu tenho uma renda 50 vezes maior do que a dele”. Mas isso também está mudando, sinal de que estes problemas coletivos estão sendo tratados.

Foto: João Viana/Ipea

“Nos últimos anos, nós levamos os pobres aos mercados, reduzindo a pobreza de várias formas e ajudando a manter as rodas da economia girando. Agora, falta darmos mercado e Estado aos pobres. O desafio, de maneira geral, é que as pessoas sejam mais protagonistas de suas vidas”



Desenvolvimento- Falando um pouco sobre **olpea**, quais as principais publicações previstas para o período?

Marcelo Neri - Nosso grande desafio é o *Brasil em Desenvolvimento*. O tema chave deste ano é a questão da territorialidade, uma pauta transversal, que aproveita um pouco a safra do censo demográfico para avaliar como se deu o avanço na última década. Também já definimos o tema do ano seguinte, que é importante anunciar com antecedência para as pessoas colocarem nos seus planos de trabalho. Será sobre as contribuições do **Ipea** às políticas públicas, no âmbito das celebrações dos 50 anos da entidade, em 2014. O **Ipea** também tem realizado trabalhos de campo, como pesquisas

sobre percepções da realidade. Se por um lado o nosso objetivo é melhorar a oferta de políticas públicas feitas pelos Ministérios e demais órgãos, por outro é importante ouvir às demandas da população. Agora, no sentido mais amplo da palavra *publicações*, que é o de tornar publico, nós tivemos as Conferências do Desenvolvimento, realizadas nas 27 unidades da federação. Também estamos com uma linha importante em língua estrangeira, em inglês em particular, que é um esforço grande de falarmos com mundo. Uma janela importante para o mundo ver o Brasil e para o Brasil observar o mundo. E ainda no âmbito externo, estamos com programa de bolsas para vários países latino-americanos.

Foto: João Viana/Ipea



“Há muitos anos, o Brasil foi apelidado de Belíndia, que comporta uma pequena e rica Bélgica e grande e pobre Índia. A citação continua atual, mas o lado indiano está crescendo muito mais do que o belga. O Brasil que prospera é o Brasil que tinha ficado para trás”

Desenvolvimento - Então, o programa de internacionalização do **Ipea** caminha bem?

Marcelo Neri - Exatamente. Nosso objetivo não é só falar com o João da Silva, mas também com o John Smith. O Brasil tem uma marca importante, uma espécie de *soft power*, que é um poder que não se aproxima da Índia ou da China em termos econômicos, mas que o credencia a ser ouvido internacionalmente pelo seu papel moderador, muito bem representado pela diplomacia brasileira.

Desenvolvimento - E a programação para os 50 anos do **Ipea**, já está definida?

Marcelo Neri - A ideia é fazer um jubileu o ano inteiro. Queremos pautar ações que propiciem reflexões sobre a missão do **Ipea**. Com o que o **Ipea**, nas diferentes áreas, já contribuiu e com o que pretende contribuir para o país. O interessante é que nós temos o costume de observar essa metáfora das décadas, mas se a gente for ver as transições, as mudanças fortes no Brasil, elas sempre ocorreram em anos terminados em quatro. Em 1964, ano em que o **Ipea** foi criado, tivemos o golpe militar. Em 1974, foi quando o governo perdeu as eleições e começou a distensão lenta, gradual, cujo ápice foi 1984, com o movimento Diretas Já. Em 1994, conseguimos a estabilização econômica. E 2004 foi o momento onde se conjugou crescimento, geração de emprego com carteira e redução da desigualdade.

Desenvolvimento - E qual a grande transição prevista para 2014?

Marcelo Neri - De alguma forma, há uma meta importante de superação de pobreza que, em minha opinião, não significa a erradicação da miséria no país, mas acontece quando você empodera as pessoas em um sentido mais pleno. Por que nos últimos anos, nós levamos os pobres aos mercados, reduzindo a pobreza de várias formas e ajudando a manter as rodas da economia girando. Agora, falta darmos

mercado e Estado aos pobres. O desafio, de maneira geral, é que as pessoas sejam mais protagonistas de suas vidas.

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18525&catid=96&Itemid=2